

A POROSIDADE DA RUMINAÇÃO

Andrea Maria Mello



Gal Oppido, *Sobre o Capital*, 2008

Priscilla Davanzo é visceral. Esta assertiva não é tão tola quanto parece, provavelmente já foi utilizada e será retomada infindáveis vezes quando se tratar dessa artista. Essa impressão marcante de Priscilla me veio não no dia da performance propriamente, mas quando tive a oportunidade de assistir a uma palestra em que ela exibiu o seu percurso performático, que está a completar vinte anos. Senti que a artista pensava e atuava de modo tão próximo ao que sugere Nietzsche no prefácio d'*A Genealogia da Moral*¹, ou seja, a partir de uma rara exigência de ruminação. A ruminação é uma força imprescindível ao artista, ao filósofo, ao cientista e aos seres humanos que andam sobre o planeta. O ruminar é tão necessário quanto as faculdades da imaginação e da memória, e pode nos guiar pelas veredas da vida do pensamento.

Na ruminação, o animal regurgita o bolo alimentar à boca. A vaca, por exemplo, antes que seu estômago peculiar comece o lento processo digestivo, mastiga e remastiga o alimento. Essa faculdade de ruminar dos bovinos é, na filosofia de Nietzsche, a imagem da

¹ NIETZSCHE, Friedrich. *A Genealogia da Moral*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 15.

própria atividade do pensamento. Na concepção de Nietzsche, o espírito é um estômago! Lá está tudo aquilo que é instintivo: a natureza, a criação, a ousadia, o improviso, as paixões: “Um estômago estragado, com efeito, é seu espírito: esse lhes aconselha a morte! Porque, na verdade, meus irmãos, o espírito é um estômago! A vida é uma nascente de prazer; mas, para aqueles em quem fala o estômago estragado, o pai das aflições, todas as fontes estão envenenadas.”²



Priscilla Davanzo, **pour être une seductrice**. Performance realizada na cidade do Porto, Portugal. Novembro de 2018. Fotografia de José Caldeira

Para a antiga medicina grega, o estômago pode coletar a raiva, a ira, a frustração, e aí também podem se alinhar a passividade, a preocupação e a ansiedade. Na medicina chinesa, o estômago é o centro do corpo, centro da atividade mental, das ideias, da opinião e da capacidade de reflexão. Priscilla Davanzo, nos atenta para a ruminação da cultura do entretenimento, do descarté, que pouco pensa e reflete no que faz, e que muito se

² Idem. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 246.

ressente. Essa é a cultura da dor de estômago. Dor de estômago que é fruto da angústia advinda dos conflitos internos ou até mesmo dos ressentimentos.

Por que não pensar com o espírito-estômago? Como as vacas quebram a cadeia de proteínas, quebramos os modelos de comportamento, de dominação e servidão. O caráter filosófico do estômago é avesso à cultura de rebanho, que massifica e controla. Este caráter está inserido na perspectiva do novo, do devir. Priscilla afirma os afetos, as paixões, as pulsões, o desconhecido, a pluralidade e a mudança especialmente na performance em que costura objetos diversos em seu corpo, em sua pele.



Priscilla Davanzo, ***pour être une seductrice***. Performance realizada na cidade do Porto, Portugal. Novembro de 2018. Fotografia de José Caldeira

O vocábulo grego *poros* pode ser traduzido como “meios, caminhos, passagens”. Os poros da pele de Priscilla são caminhos para os fluxos de trocas e afetos. Ela sai à rua e ao acaso encontra pessoas com as quais se dispõe a conversar; pede-lhes um objeto para que ela guarde, algo daquele encontro, qualquer coisa. De bitucas de cigarro até um motor de moto, a artista sutura tudo que lhe entregam em seu corpo. A pele é o meio de comunicação por excelência para Davanzo, não se trata de um mero invólucro ou embalagem. A sua pele,

de fato, é uma superfície de afetos, de trocas, é através dos objetos que ela costura os encontros, afirma a singularidade de cada um, e amplia a duração dos mesmos. Ela age diretamente contra a rapidez de conexões e desconexões, a descartabilidade generalizada das relações. É justamente por meio desse gesto de costurar, de ligar-se fisicamente a esses encontros que ela causa um curto-circuito no movimento acelerado, no incessante conectar-se e desconectar-se, que distrai, que desvia a atenção. Davanzo exhibe de chofre o sentido oposto da imediatez, daquilo que desliza sobre superfícies lisas e bloqueia os poros da inscrição efetiva do acontecimento-encontro. A prova cabal disso pude constatar na face dos que estavam presentes na exposição *Adorno Político*, realizada na cidade do Porto, em Portugal, no dia dezoito de novembro de dois mil e dezoito, na qual Priscilla participou costurando a meia-calça na pele de sua coxa. Priscilla lança a *todos um abalo no organismo*³, nesse organismo que tende a escorregar constantemente, detentor de um estômago empanturrado de ansiedade e angústia, isso que tende a lacrar os nossos corpos afetivamente. O ato de ruminar que Davanzo convoca é o que nos permite refletir sobre os sujeitos que nascem desse modo de vida deslizante e acelerado. Estamos a nos tornar zumbis eficientes, proativos, hiper e interconectados, que vão de uma tarefa a outra, de um empreendimento a outro, de um afeto a outro, de um pensamento a outro, porém, sem qualquer relevo, achatados e nivelados de possíveis intensidades e sem investimento afetivo e existencial. A porosidade da ruminação de Priscilla é uma das forças de combate às carapaças fechadas, que estão em trânsito para lugar nenhum, é como um convite à abertura dos corpos.

PARA CITAR ESTA PUBLICAÇÃO

MELLO, Andrea Maria. "A Porosidade da Ruminação". **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 7, n. 20, abr. 2019. ISSN: 2316-8102.

Revisão ortográfica de Marcio Honorio de Godoy

Edição de Mãe Paulo

© 2019 eRevista Performatus e autora

³ ARTAUD, Antonin. **O Teatro e Seu Duplo**. Tradução de Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.86.